



ISPA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

Relação entre o *Dual Control Model* e Dificuldades Sexuais
Femininas

RITA GODINHO

Orientador de Dissertação:

Professora Doutora ANA ALEXANDRA CARVALHEIRA

Coordenador de Seminário de Dissertação:

Professora Doutora ANA ALEXANDRA CARVALHEIRA

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção de grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Psicologia Clínica

Dissertação de Mestrado realizada sobre a orientação da
Professora Doutora Ana Alexandra Carvalheira, apresentada no
ISPA – Instituto Universitário para a obtenção de grau de
Mestre na especialidade de Psicologia Clínica

Agradecimentos

A dissertação de mestrado, ainda que de carácter individual, advém de um esforço colectivo. Assim, não poderia dá-la por terminada sem agradecer a algumas pessoas que foram essenciais tanto para a sua conclusão, como ao longo de todo o percurso que me conduziu até aqui.

Obrigada Mã e Pá, pelo amor incondicional e por estarem sempre do meu lado...que isso nunca mude! Amo-vos muito.

Obrigada Naninho e Naninha, por serem uns segundos pais para mim e me terem apoiado tanto ao longo de todos estes anos.

Obrigada Carolina, por toda a força e amizade. Volta depressa para perto de mim!

Obrigada David, por teres acreditado em mim e por todo o carinho e apoio que me deste e que espero que continues a dar por muito, muito tempo.

Obrigada Ana Rosa e Marta, pois por mais diferentes que sejam os rumos das nossas vidas, vocês estão sempre presentes.

Obrigada Professora Doutora Ana Alexandra Carvalheira, por ter estado sempre disponível para me incentivar e ajudar naquilo que fosse preciso.

Obrigada a todas as pessoas que fizeram, mais ou menos, parte da minha vida ao longo destes últimos seis anos, e sem as quais eu não estaria onde estou hoje.

Resumo

Baseado no *Dual Control Model*, o presente estudo teve como objectivo a análise das diferenças nos mecanismos de excitação e inibição sexual, presentes no Inventário de Excitação Sexual/ Inibição Sexual para Mulheres e Homens (SESII-W/M), entre mulheres com presença e ausência de dificuldades sexuais. Através dos resultados obtidos, num questionário *online*, de uma amostra de 962 mulheres portuguesas, com idades entre os 18 e os 72 anos, verificou-se uma maior frequência da dificuldade “Não conseguir ter orgasmo”, seguida pela “Falta de desejo sexual” e “Dor durante o coito”. Foram identificados níveis mais elevados de mecanismos de inibição e níveis mais baixos de mecanismos de excitação em mulheres com dificuldades sexuais, em comparação com os níveis encontrados em mulheres sem dificuldades sexuais, sendo esta diferença particularmente significativa nas dimensões *Excitabilidade*, *Cognições Inibitórias* e *Elementos Diádicos da Interação Sexual*. Deste modo, confirmou-se a sensibilidade do *Dual Control Model* para a detecção dos factores problemáticos em mulheres com dificuldades sexuais.

Palavras-chave. excitação sexual; inibição sexual; dificuldades sexuais; sexualidade feminina.

Abstract

Based on the Dual Control Model, the present study had the goal of analyzing the differences in sexual excitation and sexual inhibition mechanisms, present in the Sexual Excitation/Sexual Inhibition Inventory for Women and Men (SESII-W/M), in women with and without sexual difficulties. Through the results obtained, from an online questionnaire, of a sample of 962 Portuguese women with ages between 18 and 72, we observed that the most frequently reported difficulty was “Not being able to have an orgasm”, followed by “Lack of sexual desire” and “Pain during coitus”. Higher levels of inhibition mechanisms and lower levels of excitation mechanisms were identified in women with sexual difficulties in comparison with the levels found in women with no sexual difficulties, with these differences being particularly significant in the *Arousability*, *Inhibitory Cognitions* and *Dyadic Elements of the Sexual Interaction* dimensions. The sensitivity of the Dual Control Model for detecting problematic factors in women with sexual difficulties was thus confirmed.

Keywords. sexual excitation; sexual inhibition; sexual difficulties; female sexuality.

Índice	
Introdução	1
Método	
Participantes	3
Instrumentos	3
Procedimento	4
Resultados	
SESII-W/M	5
Características Sociodemográficas e SESII-W/M	6
Dificuldades Sexuais e SESII-W/M	7
Discussão	12
Referências	15
Anexos	17

Lista de Tabelas

Tabela I. Testes de Normalidade das Dimensões do SESII –W/M	5
Tabela II. Comparação de medianas das Dimensões de Inibição entre mulheres com menos/mais de 30 anos de idade	6
Tabela III. Comparação de medianas das Dimensões de Excitação entre mulheres com duração de relação menor/menor do que quatro anos	6
Tabela IV. Comparação de medianas das Dimensões de Excitação entre mulheres sem/com filhos	7
Tabela V. Comparação de medianas das Dimensões de Inibição entre mulheres sem/com “Falta de desejo sexual”	8
Tabela VI. Comparação de medianas das Dimensões de Excitação entre mulheres sem/com dificuldade “Falta de desejo sexual”	8
Tabela VII. Comparação de medianas das Dimensões de Inibição entre mulheres sem/com dificuldade “Não conseguir ter orgasmo”	9
Tabela VIII. Comparação de medianas das Dimensões de Excitação entre mulheres sem/com dificuldade “Não conseguir ter orgasmo”	9
Tabela IX. Comparação de medianas das Dimensões de Inibição entre mulheres sem/com dificuldade “Dor durante o coito”	10
Tabela X. Comparação de medianas das Dimensões de Excitação entre mulheres sem/com dificuldade “Dor durante o coito”	10
Tabela XI. Comparação de medianas das Dimensões de Inibição entre mulheres sem/com dificuldade “Outras dificuldades sexuais”	11
Tabela XII. Comparação de medianas das Dimensões de Excitação entre mulheres sem/com dificuldade “Outras dificuldades sexuais”	11

Introdução

O termo *disfunção sexual* é utilizado para fazer referência a um agrupamento de dificuldades, experienciadas ao nível intrapessoal, interpessoal e cultural, que perturbam a capacidade do sujeito de ter uma reposta sexual adequada ou de obter prazer através da sexualidade. Com o lançamento do Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders-Fifth Edition (American Psychiatric Association, 2013) surgiu uma nova classificação destas perturbações na população feminina, existindo actualmente três principais categoriais de dificuldades que afectam as mulheres nesta área, sendo estas: (i) disfunção de desejo sexual; (ii) disfunção orgástica feminina; (iii) disfunção de dor génito-pélvica/penetração.

A primeira disfunção sexual é caracterizada por uma ausência ou deficiência nos seguintes critérios: (i) actividade sexual; (ii) pensamentos de carácter erótico/fantasias; (iii) iniciativa para a actividade sexual; (iv) excitação ou prazer durante a actividade sexual; (v) interesse sexual/desejo; (vi) sensações genitais/não-genitais durante a actividade sexual. Para que se possa fazer o diagnóstico de *disfunção de desejo sexual*, é necessário que três dos seis critérios estejam ausentes ou significativamente reduzidos por um período igual ou superior a seis meses. A *disfunção orgástica feminina* é composta por dois critérios principais, nomeadamente: (i) retardo, infrequência ou ausência de orgasmo durante a actividade sexual; (ii) intensidade reduzida de sensações orgásticas. Para que a disfunção seja correctamente diagnosticada, é necessário que os sintomas estejam presentes em pelo menos 75% das relações sexuais experienciadas por um período igual ou superior a seis meses. Por fim, o diagnóstico da *disfunção de dor génito-pélvica/penetração* passa pelos seguintes critérios: (i) dificuldade na penetração vaginal; (ii) dor vulvovaginal durante ou como resultado de tentativas de penetração vaginal; (iii) ansiedade/receio de dor vulvovaginal na antecipação, durante ou como resultado de penetração vaginal; (iv) contracção dos músculos pélvicos durante as tentativas de penetração vaginal. No caso desta última disfunção, devido à aflição causada por qualquer dos critérios acima mencionados, para o seu correcto diagnóstico é necessária a presença de apenas um sintoma, por um período igual ou superior a seis meses (American Psychiatric Association, 2013).

Com o objectivo de determinar a prevalência de disfunção sexual na população portuguesa, Ribeiro, Magalhães e Mota (2013) estudaram uma amostra de 214 mulheres portuguesas com idades entre os 18 e os 57 anos. Verificaram, deste modo, a existência de disfunção sexual em 77,2% da amostra, sendo a incapacidade de atingir o orgasmo a perturbação mais frequente, seguida pelas perturbações de dor e de desejo. Assim, devido à

presença significativa de disfunções sexuais na actualidade, apresenta-se como um assunto que requer uma maior análise e compreensão.

Surge assim o *Dual Control Model*. Este modelo teórico, criado por Bancroft e Janssen (2010), postula a existência de mecanismos neurofisiológicos independentes de excitação e de inibição sexual. Assim, na medida em que o sistema de inibição serve o propósito de suprimir e o sistema de excitação serve o propósito de activar, é através do equilíbrio entre os dois sistemas que a resposta sexual do indivíduo num dado momento é determinada. No que diz respeito ao mecanismo de inibição sexual, Bjorklund e Shackelford (1999) afirmam ser um processo mais desenvolvido no sexo feminino do que no sexo masculino. No sentido de preservar o sucesso reprodutivo, é necessário que a fêmea tenha uma maior capacidade de auto-regulação, evitando assim respostas sexuais que acarretem mais malefícios do que benefícios (e.g., gravidez indesejada). Neste sentido, compreende-se que a inibição sexual feminina apresente três funções adaptativas e é activada nas seguintes situações: (i) quando a actividade sexual num determinado momento é potencialmente perigosa, quer a nível físico quer a nível psicológico; (ii) quando é necessário suprimir uma resposta distractiva, como a sexual, para responder adequadamente a uma ocorrência não-sexual; (iii) quando o empenho na procura de prazer sexual surge como um impedimento de outras funções adaptativas (Bancroft, Graham, Janssen & Sanders, 2009). Ainda que geralmente de carácter adaptativo, os processos de excitação e inibição actuam igualmente como indicadores de um funcionamento sexual desviante. Bancroft (1999) afirma que níveis anormalmente elevados de excitação sexual podem aumentar a probabilidade de adopção de comportamentos de risco, enquanto que níveis demasiado elevados de inibição podem, no polo oposto, conduzir a dificuldades no âmbito da sexualidade, nomeadamente o desenvolvimento de disfunções sexuais.

É neste âmbito que se insere a presente investigação. Através do *Inventário de Excitação Sexual/Inibição Sexual para Mulheres e Homens* (SESII-W/M), criado para avaliar a variabilidade individual de tendências excitatórias e inibitórias que o *Dual Control Model* pressupõe, e que abrange diversos factores, de entre os quais cognitivos e relacionais, este estudo tem como objectivo principal a análise dos mecanismos de inibição e excitação aquando da presença e da ausência de dificuldades sexuais. Pretende-se assim que a investigação se apresente como um contributo positivo na procura de uma compreensão alargada da sexualidade feminina e dos factores que a determinam.

Método

Participantes

Sendo o presente estudo *online-based*, os participantes foram recrutados, num primeiro momento, através de um método não probabilístico, de amostragem por conveniência, recorrendo-se de seguida ao efeito *snowball*. Como critérios de exclusão foram utilizados a menoridade e a ausência de actividade sexual nos passados 12 meses.

Assim, participaram voluntariamente 962 mulheres, com idades entre os 18 e 72 anos ($\chi = 32$; $\sigma = 9.9$), sendo a maioria proveniente dos distritos de Lisboa (30.3%), Porto (10.7%) e Setúbal (9.4%). Em relação às habilitações literárias da amostra, 50.1% ($N = 478$) concluíram a licenciatura, 26.3% ($N = 251$) realizaram o percurso escolar até ao 12º ano, 18.3% ($N = 175$) terminaram o mestrado e os restantes 2.5% ($N = 24$) concluíram o percurso académico até ao 9º ano.

Em resposta à actividade sexual vivida nos passados cinco anos, 895 (93.5%) mulheres reportaram ter sido *exclusivamente* heterossexual, e 26 (2.7%) afirmaram ter sido *maioritariamente* heterossexual. No mesmo sentido 25 (2.6%) mulheres caracterizaram a sua actividade como *exclusivamente* homossexual e 5 (0.5%) como *maioritariamente* homossexual. A respeito da situação relacional, 45.4% ($N = 437$) das mulheres encontravam-se numa relação de compromisso com coabitação/casadas e 37.8% ($N = 364$) numa relação de compromisso sem coabitação. A média de duração de relação verificada foi de 7.31 anos ($\sigma = 7.74$). Das restantes 161 mulheres, 11.2% não tinham relação de compromisso mas tinham parceiros ocasionais e 5.5% reportaram não ter relação de compromisso nem parceiros ocasionais. A experiência de maternidade foi reportada por 34.8% ($N = 335$) das mulheres, sendo que a maioria tinha um (49.8%) ou dois (40.4%) filhos.

Instrumentos

Questionário Sociodemográfico

O primeiro dos instrumentos a ser utilizado foi o Questionário Sociodemográfico (Anexo A), construído com o objectivo de recolher dados considerados pertinentes para o presente estudo.

Inventário de Excitação Sexual/Inibição Sexual para Mulheres e Homens

O Inventário de Excitação Sexual/Inibição Sexual para Mulheres e Homens (Milhausen, Graham, Sanders, Yarber & Maitland, 2010) é um inventário composto por 30

itens divididos em seis subescalas: (i) Cognições Inibitórias; (ii) Importância da Relação; (iii) Excitabilidade; (iv) Características e Comportamentos do Parceiro; (v) *Setting* (Invulgar/Exposto); (vi) Elementos Diádicos da Interação Sexual (Anexo B). A primeira subescala, *Cognições Inibitórias*, é composta por oito itens e reflecte a inibição sexual derivada de cognições e emoções, ou seja, aquela que é provocada pelo pensamento, pelo receio e pelo anseio. A dimensão *Importância da Relação* consiste em cinco itens referentes à segurança e qualidade da relação, e à sua influência sobre o processo de inibição. A subescala *Excitabilidade*, de cinco itens, está relacionada com a facilidade em ficar sexualmente excitado através de diversos estímulos sexuais, tais como a proximidade física. A quarta subescala, *Características Comportamentos do Parceiro*, é igualmente composta por cinco itens e demonstra a relação existente entre as qualidades e os comportamentos do parceiro e a excitação sexual. A dimensão *Setting (Invulgar/Exposto)*, consiste em quatro itens e reflecte o contexto em que a interação sexual ocorre e a sua influência no processo de excitação. Por último, a subescala *Elementos Diádicos da Interação Sexual* é composta por três itens referentes à inibição resultante da atitude do parceiro no decorrer da actividade sexual (Milhausen et al., 2010).

Questionário de Dificuldades Sexuais

Devido ao facto de não existirem instrumentos disponíveis para recolher estes dados, foi necessária a sua construção. Deste modo, com base nos critérios estabelecidos no Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders- Fifth Edition (DSM-V), e tendo em consideração que o estudo seria realizado com uma amostra não-clínica, foi criado o Questionário de Dificuldades Sexuais (Anexo C) para a população feminina, contendo quatro (4) itens. Este questionário avalia a existência ou inexistência, por um período mínimo de seis meses, de três dificuldades sexuais baseadas no DSM-V (*falta de desejo sexual; não conseguir ter orgasmo; dor durante o coito*) e permite ainda assinalar a existência de qualquer outra dificuldade sexual não englobada nestas três categorias, através do item “Outras dificuldades sexuais”.

Procedimento

Para o presente estudo foi criada uma bateria de questionários através do gerador *SurveyMonkey*. Garantindo-se a confidencialidade de todos os dados recolhidos, foi introduzida a pertinência do estudo e solicitada a participação voluntária no mesmo, através de redes sociais e do *website* Visão Online.

Resultados

SESII-W/M

A análise inicial teve como objectivo analisar a distribuição dos factores do SESII-W/M. Através dos testes Kolmogorov-Smirnov (com correcção Lilliefors) e Shapiro-Wilk (ver Tabela I) verificou-se que as variáveis não seguem o modelo de distribuição normal ($\text{sig.} = 0,000 < 0,05$). Assim, os testes utilizados foram não-paramétricos.

Tabela I. Testes de Normalidade das Dimensões do SESII-W/M

Tests of Normality						
	Kolmogorov-Smirnov ^a			Shapiro-Wilk		
	Statistic	df	Sig.	Statistic	df	Sig.
Caraterísticas e comportamento do/a Parceiro/a	,092	962	,000	,984	962	,000
Cognições Inibitórias	,066	962	,000	,991	962	,000
A importancia da relação	,072	962	,000	,985	962	,000
Excitabilidade	,101	962	,000	,982	962	,000
Setting (Invulgar ou Exposto)	,109	962	,000	,978	962	,000
Elementos Diádicos da Interação Sexual	,141	962	,000	,961	962	,000

a. Lilliefors Significance Correction

De seguida, para analisar a fiabilidade das seis dimensões da escala, foi calculado o Alpha de Cronbach para as três dimensões excitatórias (Excitabilidade $\alpha=0,648$; Características e Comportamentos do Parceiro $\alpha=0,669$; *Setting* (Invulgar/Exposto) $\alpha=0,537$) e para as três dimensões inibitórias (Cognições Inibitórias $\alpha=0,775$; Importância da Relação $\alpha=0,681$; Elementos Diádicos da Interação Sexual $\alpha=0,434$). Verificou-se que a consistência interna das seis dimensões era maioritariamente razoável, à excepção das dimensões *Setting* (Invulgar/Exposto) e *Elementos Diádicos da Interação Sexual*, compostas por um número inferior de itens. Perante a análise individual do Alpha de Cronbach de cada item, comprovou-se que a eliminação do item seis (6), pertencente ao factor *Setting*, teria uma influência positiva na consistência interna da dimensão ($\alpha=0,553 > \alpha=0,537$). Ainda assim, a estrutura da escala não foi modificada para o presente estudo.

Procedeu-se a avaliação da correlação entre os factores da escala. O teste de correlação de Spearman demonstrou que as dimensões referentes ao processo de excitação apresentam, entre si, correlações positivas e significativas a um nível de significância de 1%. O mesmo padrão foi identificado nas dimensões inibitórias. A correlação positiva mais forte foi encontrada entre as dimensões *Importância da Relação* e *Elementos Diádicos da Interação Sexual* ($p=0,487$), enquanto a correlação negativa mais acentuada existe entre as dimensões *Importância da Relação* e *Excitabilidade* ($p=-0,337$).

Características Sociodemográficas e SESII-W/M

Dividindo a variável “Idade” em dois grupos, utilizando a mediana (30), foi possível fazer uma comparação entre os dois grupos de idades e as três dimensões do SESII- W/M referentes à inibição sexual (ver Tabela II). Assim, com recurso ao teste Mann-Whitney que compara medianas, verificou-se que no grupo mais jovem (< 30 anos) existem níveis mais elevados de processos inibitórios do que no grupo menos jovem (≥ 30 anos). Contudo, através da estatística de teste, confirmou-se que as diferenças encontradas entre os grupos etários só são significativamente diferentes na dimensão *Importância da Relação* (sig.=0.020).

Tabela II. Comparação de medianas de Dimensões de Inibição entre mulheres com menos/mais de 30 anos

Ranks				
	grupos de idade	N	Mean Rank	Sum of Ranks
Cognições Inibitórias	<mediana	364	364,03	132508,00
	>=mediana	344	344,41	118478,00
	Total	708		
A importancia da relação	<mediana	364	371,80	135334,50
	>=mediana	344	336,20	115651,50
	Total	708		
Elementos Diádicos da Interação Sexual	<mediana	364	357,20	130020,50
	>=mediana	344	351,64	120965,50
	Total	708		

O mesmo método foi utilizado com o objectivo de averiguar a relação entre a variável “Duração de relação” e as três dimensões excitatórias da SESII-W/M (ver Tabela III). Comprovou-se a existência de uma diferença significativa nos níveis medianos das três dimensões de excitação sexual (Excitabilidade: sig.=0,001; Características e Comportamentos do Parceiro: sig.=0,019; *Setting* (Invulgar/Exposto): sig.=0,002) em relações de duração maior do que quatro (4) anos, em comparação com relações de duração menor do que quatro (4) anos.

Tabela III. Comparação de medianas de Dimensões de Excitação entre mulheres com duração de relação menor/maior do que quatro anos

Ranks				
	tempo de duração duma relação	N	Mean Rank	Sum of Ranks
Excitabilidade	< mediana	388	405,62	157381,00
	>mediana	372	354,30	131799,00
	Total	760		
Caraterísticas e comportamento do/a Parceiro/a	< mediana	388	398,59	154653,00
	>mediana	372	361,63	134527,00
	Total	760		
Setting (Invulgar ou Exposto)	< mediana	388	404,58	156978,00
	>mediana	372	355,38	132202,00
	Total	760		

Por fim, mantendo a mesma linha de pensamento, procurou-se a existência, ou inexistência, de relação entre níveis medianos nas dimensões de excitação do SESII-W/M e o número de filhos (ver Tabela IV). Tal como nas análises anteriores, a variável em questão foi transformada numa variável binária, utilizando a mediana (um) como ponto de referência. Assim, apesar das mulheres sem filhos apresentarem valores médios mais elevados nas dimensões de excitabilidade (Excitabilidade; Características e Comportamentos do Parceiro; *Setting* (Invulgar/Exposto) do que aquelas que já experienciaram a maternidade, as diferenças encontradas não se revelaram estatisticamente significativas.

Tabela IV. Comparação de medianas de Dimensões de Excitação entre mulheres sem/com filhos

Ranks				
	Nº de filhos em dois grupos	N	Mean Rank	Sum of Ranks
Excitabilidade	<mediana	159	160,59	25534,50
	>=mediana	158	157,40	24868,50
	Total	317		
Caraterísticas e comportamento do/a Parceiro/a	<mediana	159	165,11	26252,00
	>=mediana	158	152,85	24151,00
	Total	317		
<i>Setting</i> (Invulgar ou Exposto)	<mediana	159	159,18	25309,50
	>=mediana	158	158,82	25093,50
	Total	317		

Dificuldades Sexuais e SESII-W/M

Por último, foram analisadas as relações entre as dificuldades sexuais (Falta de desejo sexual; Não conseguir ter orgasmo; Dor durante o coito; Outras dificuldades sexuais) e as seis dimensões do SESII-W/M. As respostas fornecidas no Questionário de Dificuldades Sexuais foram agrupadas, sendo as respostas “Nunca” e “Ocasionalmente” associadas à ausência de dificuldade, e as respostas “Metade das vezes” e “A maior parte das vezes” associadas à presença de dificuldade. Ressalva-se que, pelo facto dos processos de excitação e inibição sexual serem considerados independentes, as dimensões referentes a cada um dos processos foram avaliadas separadamente.

Falta de desejo sexual. Compararam-se os resultados nas seis dimensões do SESII-W/M entre os sujeitos que reportaram presença de “Falta de desejo sexual” e os sujeitos que reportaram ausência de “Falta de desejo sexual”. No que refere às três dimensões inibitórias (Cognições Inibitórias; Importância da Relação; Elementos Diádicos da Interação Sexual), verificou-se que os sujeitos que afirmaram sentir “Falta de desejo sexual” obtiveram níveis medianos superiores aos que afirmaram não sentir “Falta de desejo sexual” (ver Tabela V). A estatística de teste revelou ainda que as diferenças entre os dois grupos são significativas, sendo o sig.<0.05 para todas as subescalas.

Tabela V. Comparação de medianas de Dimensões de Inibição entre mulheres sem/com dificuldade “Falta de desejo sexual”

Ranks				
	Falta de desejo sexual com dois codigos	N	Mean Rank	Sum of Ranks
Cognições Inibitórias	Nunca/Ocasionalmente	708	406,79	288010,00
	Met vezes/A maior p. vezes	234	667,28	156143,00
	Total	942		
A importancia da relação	Nunca/Ocasionalmente	708	454,33	321668,00
	Met vezes/A maior p. vezes	234	523,44	122485,00
	Total	942		
Elementos Diádicos da Interação Sexual	Nunca/Ocasionalmente	708	453,40	321009,00
	Met vezes/A maior p. vezes	234	526,26	123144,00
	Total	942		

No que diz respeito às três subescalas de excitação, as diferenças encontradas foram semelhantes às anteriores (ver Tabela VI). Assim, verificou-se que os sujeitos que reportaram sentir “Falta de desejo sexual” obtiveram níveis medianos inferiores aos que afirmaram não sentir “Falta de desejo sexual” em todas as dimensões referentes à excitação (Excitabilidade; Características e Comportamentos do Parceiro; *Setting* (Invulgar/Exposto), sendo as diferenças entre grupos estatisticamente significativas (sig. <0,05).

Tabela VI. Comparação de medianas de Dimensões de Excitação entre mulheres sem/com dificuldade “Falta de desejo sexual”

Ranks				
	Falta de desejo sexual com dois codigos	N	Mean Rank	Sum of Ranks
Excitabilidade	Nunca/Ocasionalmente	708	521,93	369529,50
	Met vezes/A maior p. vezes	234	318,90	74623,50
	Total	942		
Caraterísticas e comportamento do/a Parceiro/a	Nunca/Ocasionalmente	708	496,85	351772,00
	Met vezes/A maior p. vezes	234	394,79	92381,00
	Total	942		
Setting (Invulgar ou Exposto)	Nunca/Ocasionalmente	708	501,69	355197,00
	Met vezes/A maior p. vezes	234	380,15	88956,00
	Total	942		

Não conseguir ter orgasmo. Em relação às três dimensões de inibição, concluiu-se que as medianas obtidas são mais elevadas nas mulheres que afirmaram “Não conseguir ter orgasmo”, em comparação com as mulheres que afirmaram não sofrer desta dificuldade (ver Tabela VII). No entanto, ainda que estatisticamente significativas nas dimensões *Cognições Inibitórias* e *Elementos Diádicos da Interação Sexual*, as diferenças na dimensão *Importância da Relação* não têm significado estatístico (sig.=0,075).

Tabela VII. Comparação de medianas de Dimensões de Inibição entre mulheres sem/com dificuldade “Não conseguir ter orgasmo”

Ranks				
	Não conseguir ter orgasmo com dois códigos	N	Mean Rank	Sum of Ranks
Cognições Inibitórias	Nunca/Ocasionalmente	696	416,56	289926,00
	Met vezes/A maior p. vezes	240	619,13	148590,00
	Total	936		
A importância da relação	Nunca/Ocasionalmente	696	459,32	319688,50
	Met vezes/A maior p. vezes	240	495,11	118827,50
	Total	936		
Elementos Diádicos da Interação Sexual	Nunca/Ocasionalmente	696	447,34	311352,00
	Met vezes/A maior p. vezes	240	529,85	127164,00
	Total	936		

No domínio das dimensões de excitação surgiu igualmente uma diferença de medianas entre as mulheres que reportaram “Não conseguir ter orgasmo” e as que reportaram não sentir esta dificuldade (ver Tabela VIII). Deste modo, verificou-se que os níveis medianos nas três dimensões do SESII-W/M eram superiores na ausência desta dificuldade sexual. Ainda assim, de entre as diferenças encontradas, apenas a referente á subescala *Excitabilidade* se revelou estatisticamente significativa (sig. =0,002).

Tabela VIII. Comparação de medianas de Dimensões de Excitação entre mulheres sem/com dificuldade “Não conseguir ter orgasmo”

Ranks				
	Não conseguir ter orgasmo com dois códigos	N	Mean Rank	Sum of Ranks
Excitabilidade	Nunca/Ocasionalmente	696	484,62	337293,50
	Met vezes/A maior p. vezes	240	421,76	101222,50
	Total	936		
Caraterísticas e comportamento do/a Parceiro/a	Nunca/Ocasionalmente	696	473,87	329816,50
	Met vezes/A maior p. vezes	240	452,91	108699,50
	Total	936		
Setting (Involgar ou Exposto)	Nunca/Ocasionalmente	696	474,65	330357,00
	Met vezes/A maior p. vezes	240	450,66	108159,00
	Total	936		

Dor durante o coito. Na Tabela IX verificou-se que, no âmbito das subescalas do SESII-W/M referentes ao processo de inibição sexual (Cognições Inibitórias; Importância da Relação; Elementos Diádicos da Interação Sexual), as mulheres que reportaram sentir “Dor durante o coito” obtiveram níveis medianos mais elevados do que as mulheres que não sofriam desta dificuldade. A estatística de teste demonstrou que as diferenças entre os dois grupos de mulheres nas dimensões inibitórias são estatisticamente significativas, sendo o sig <0,05 para todas as subescalas.

Tabela IX. Comparação de medianas de Dimensões de Inibição entre mulheres sem/com dificuldade “Dor durante o coito”

Ranks				
	Dor durante o coito com dois codigos	N	Mean Rank	Sum of Ranks
Cognições Inibitórias	Nunca/Ocasionalmente	831	445,13	369901,50
	Met vezes/A maior p. vezes	102	645,19	65809,50
	Total	933		
A importancia da relação	Nunca/Ocasionalmente	831	458,96	381392,00
	Met vezes/A maior p. vezes	102	532,54	54319,00
	Total	933		
Elementos Diádicos da Interação Sexual	Nunca/Ocasionalmente	831	457,06	379816,00
	Met vezes/A maior p. vezes	102	547,99	55895,00
	Total	933		

Ao analisar a mesma dificuldade do ponto de vista das subescalas referentes à excitação sexual, encontrou-se uma diminuição geral das medianas das mulheres que sofriam de “Dor durante o coito” (ver Tabela X). Ainda assim, apesar da existência de diferenças entre os dois grupos, apenas a diferença na subescala *Excitabilidade* se revelou estatisticamente significativa (sig.= 0.031).

Tabela X. Comparação de medianas de Dimensões de Excitação entre mulheres sem/com dificuldade “Dor durante o coito”

Ranks				
	Dor durante o coito com dois codigos	N	Mean Rank	Sum of Ranks
Excitabilidade	Nunca/Ocasionalmente	831	473,62	393577,00
	Met vezes/A maior p. vezes	102	413,08	42134,00
	Total	933		
Carateristicas e comportamento do/a Parceiro/a	Nunca/Ocasionalmente	831	469,29	389976,00
	Met vezes/A maior p. vezes	102	448,38	45735,00
	Total	933		
Setting (Involgar ou Exposto)	Nunca/Ocasionalmente	831	471,25	391610,00
	Met vezes/A maior p. vezes	102	432,36	44101,00
	Total	933		

Outras dificuldades sexuais. Por fim, a mesma análise foi realizada para a variável “Outras dificuldades sexuais”. No que diz respeito às dimensões referentes ao processo de inibição sexual, concluiu-se que medianas obtidas aquando da presença de dificuldade sexual eram superiores às obtidas na sua ausência (ver Tabela XI). No entanto, ainda que estatisticamente significativa para as dimensões *Cognições Inibitórias* e *Elementos Diádicos da Interação Sexual*, as diferenças na dimensão *Importância da Relação* não têm significado estatístico (sig.= 0,445).

Tabela XI. Comparação de medianas de Dimensões de Inibição entre mulheres sem/com dificuldade “Outras dificuldades sexuais”

Ranks				
	Outras dificuldades sexuais	N	Mean Rank	Sum of Ranks
Cognições Inibitórias	Nunca/Ocasionalmente	843	440,87	371650,50
	Met vezes/A maior p. vezes	68	643,61	43765,50
	Total	911		
A importancia da relação	Nunca/Ocasionalmente	843	454,12	382822,50
	Met vezes/A maior p. vezes	68	479,32	32593,50
	Total	911		
Elementos Diádicos da Interação Sexual	Nunca/Ocasionalmente	843	450,60	379853,00
	Met vezes/A maior p. vezes	68	522,99	35563,00
	Total	911		

Em termos das subescalas de excitação sexual (Excitabilidade; Características do Parceiro; *Setting* (Invulgar/Exposto), observaram-se diferenças entre os dois grupos de mulheres (ver Tabela XII). Ainda assim, as diferenças revelaram-se estatisticamente significativas apenas para a dimensão *Excitabilidade* (sig. =0,031).

Tabela XII. Comparação de medianas de Dimensões de Excitação entre mulheres sem/com dificuldade “Outras dificuldades sexuais”

Ranks				
	Outras dificuldades sexuais	N	Mean Rank	Sum of Ranks
Excitabilidade	Nunca/Ocasionalmente	843	461,31	388885,00
	Met vezes/A maior p. vezes	68	390,16	26531,00
	Total	911		
Caraterísticas e comportamento do/a Parceiro/a	Nunca/Ocasionalmente	843	459,05	386981,00
	Met vezes/A maior p. vezes	68	418,16	28435,00
	Total	911		
Setting (Invulgar ou Exposto)	Nunca/Ocasionalmente	843	458,62	386620,00
	Met vezes/A maior p. vezes	68	423,47	28796,00
	Total	911		

Discussão

Ainda que o objectivo primário do presente estudo seja a análise da relação entre factores de excitação e inibição sexual presentes no SESII-W/M e as dificuldades sexuais femininas de acordo com o DSM-V, considerou-se pertinente a averiguação, num primeiro momento, da existência ou inexistência de relação entre dimensões do inventário e algumas características sociodemográficas. O factor “Idade” foi escolhido para análise por ser considerado essencial na compreensão da sexualidade. Assim, verificou-se que mulheres mais jovens (< 30 anos) reportaram níveis mais altos de inibição do que mulheres menos jovens, sendo esta diferença particularmente significativa na dimensão *Importância da Relação*. Estes resultados reflectem os obtidos através de um grupo focal organizado por Graham, Sanders, Milhausen e McBride (2004), onde foi demonstrado não só o facto de mulheres em faixas etárias mais baixas terem mais presente a necessidade de suprimir a resposta sexual, devido a potenciais consequências que poderiam advir do acto, como ainda a influência de aspectos relacionados com o parceiro e a sua determinância para a resposta sexual feminina.

Um estudo realizado por Carvalheira, Brotto e Leal (2010), confirmou que mulheres a viver em relação há menos de um ano afirmavam ter níveis de desejo sexual significativamente superiores aqueles reportados por mulheres em relação há mais de dez anos. Os resultados do presente estudo apontam na mesma direcção, na medida em que os níveis obtidos em todas as dimensões da excitação são significativamente menores em mulheres a viver uma relação amorosa mais longa, em comparação com as que vivem em relação há menos tempo. Uma possível explicação para a diminuição da excitação sexual com o decorrer da relação pode ser encontrada no modelo de Zeifman e Hazan (1997, cit. por Klusmann, 2002). Neste modelo, os autores postulam que num primeiro momento a relação amorosa é marcada por sentimentos de paixão e procura de intimidade e proximidade física, de onde transita para um período marcado menos pela corporalidade e mais pela estabilidade, resultando assim numa diminuição do desejo sexual. Pela dependência entre os factores “Duração de relação” e “Número de filhos” foi questionada a existência de diferenças nos níveis obtidos nas dimensões de excitação do SESII-W/M entre mulheres com e sem filhos. Ainda que menores na presença de filho(s), as diferenças encontradas não se revelaram estatisticamente significativas.

Dificuldades Sexuais

Neste domínio, é importante ressaltar que pelo facto de se tratar de uma amostra não-clínica, não foram avaliadas disfunções sexuais, mas sim auto-relatos de dificuldades no

âmbito da sexualidade. Assim, verificou-se que a dificuldade sexual mais expressa no presente estudo foi “*Não conseguir ter orgasmo*” seguida pela “*Falta de desejo sexual*” e “*Dor durante o coito*”.

Não conseguir ter orgasmo. Verificou-se que os factores de inibição sexual eram mais evidentes no grupo que manifestou a presença desta dificuldade em comparação com o grupo que declarou a sua ausência, ainda que apenas as dimensões *Cognições Inibitórias* e *Elementos Diádicos da Interação Sexual* se tenham afirmado como estatisticamente diferentes entre estes dois grupos de mulheres. Neste sentido, compreende-se os efeitos negativos da distração e da preocupação na resposta sexual, na medida em que servem a função de a suprimir. Estes resultados, em conformidade com o modelo de Barlow (1986), demonstram a influência inibitória que a atenção exerce sobre a resposta sexual, quando desviada da interação sexual para as ansiedades que a acompanham. Dove e Wiederman (2000) estudaram igualmente os efeitos da distração cognitiva na resposta sexual, demonstrando o seu efeito redutor na frequência de orgasmos, indo assim ao encontro dos resultados aqui apresentados. A respeito dos factores de excitação sexual, apesar de mais elevados nas mulheres *sem* dificuldade, as diferenças entre grupos só se revelaram significativas na dimensão *Excitabilidade*. Deste modo, compreende-se que as mulheres que afirmaram “*Não conseguir ter orgasmo*” apresentam uma dificuldade generalizada em ficar sexualmente excitadas. Considerando o modelo linear de resposta sexual de Kaplan (1997, cit. por Basson, 2000), que postula a existência de uma fase primária de desejo sexual, seguida pela fase de excitação sexual que conduz a mulher à fase do orgasmo, compreende-se que o incumprimento da segunda fase resulte numa dificuldade em alcançar a terceira fase, ou seja, impeça a mulher de atingir o orgasmo.

Falta de desejo sexual. Tanto as dimensões de inibição sexual como as dimensões de excitação sexual divergiram significativamente entre o grupo de mulheres que reportaram presença e ausência de “*Falta de desejo sexual*”. De acordo com o DSM-V (American Psychiatric Association, 2013) a Disfunção de Interesse/Excitação Sexual, disfunção clínica em que esta dificuldade foi baseada, pode ser expressa e entendida de várias maneiras. Assim, enquanto algumas mulheres poderão considerá-la presente na ausência de desejo de iniciar uma actividade sexual com o parceiro, outras mulheres poderão considerá-la presente na ausência de pensamentos e fantasias eróticas. Deste modo, é compreensível que o sentimento de “*Falta de desejo sexual*” influencie diversas dimensões, quer excitatórias quer inibitórias, como demonstrado através dos resultados obtidos.

Dor durante o coito. No âmbito das dimensões excitatórias, verificaram-se diferenças significativas na dimensão da Excitabilidade entre mulheres que afirmaram e negaram sentir *Dor durante o coito*. A disfunção clínica que inspirou (Disfunção de dor génito-pélvica/penetração) é caracterizada por um evitamento de situações de cariz sexual pela dor que as acompanha. Assim, é concebível que os resultados obtidos demonstrem um défice de excitação sexual, motivado pelo receio que a excitação resulte numa interacção potencialmente dolorosa para a mulher. Através desta mesma linha de pensamento, compreende-se o facto de todas as dimensões inibitórias do SESII-W/M terem sido significativamente superiores nas mulheres que afirmaram sofrer desta dificuldade pois geralmente, tal como reflectido nos nossos resultados, devido à dor associada, mulheres que sofrem deste problema suprimem a resposta sexual, de modo a evitar sensações desagradáveis.

Outras dificuldades sexuais. No que diz respeito a “Outras dificuldades sexuais”, os resultados em termos de níveis de excitação e inibição sexual foram idênticos aos obtidos para a dificuldade “Não conseguir ter orgasmo”, ainda que esta dificuldade tenha sido reportada por apenas 7,2% das mulheres.

Conclusão

Consideramos que o item “Outras dificuldades sexuais” apresenta uma limitação do presente estudo, na medida em que possibilita uma recolha reduzida de informação. Assim, na eventualidade de ser preservada em estudos futuros, sugerimos a possibilidade de especificação da “Outra dificuldade sexual” a que o sujeito se refere, de modo a permitir uma análise mais precisa do fenómeno em causa. Outra limitação do actual estudo prende-se com a subjectividade do conteúdo em análise, havendo a possibilidade dos inquiridos discriminarem e interpretarem as opções de resposta de modos diferentes. Assim, dada a complexidade dos fenómenos em estudo, aconselha-se o recurso a entrevistas em futuras investigações, de modo a esclarecer os resultados obtidos.

Apesar das limitações, consideramos a presente investigação positiva no domínio da aplicação do *Dual Control Model* à sexualidade feminina. Ainda que possivelmente limitante, o recurso a questionários anónimos permitiu a recolha de uma amostra variada, possibilitando a verificação da existência de diferenças nos mecanismos de excitação e inibição sexual aquando da presença de dificuldades, entre mulheres de diversas faixas etárias. Confirma-se assim a função indicadora de uma sexualidade desviante que o modelo em estudo assume.

Referências Bibliográficas

- American Psychiatric Association.(2013). *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (5thed.). Washington DC.
- Bancroft, J. (1999). Central inhibition of sexual response in the male: A theoretical perspective. *Neuroscience and Biobehavioral Reviews*, 23, 763-784.
- Bancroft, J., Graham, C. A., Janssen, E., & Sanders, S. A., (2009). The dual control model: Current status and future directions. *Journal of Sex Research*, 46, 121-142.
- Bancroft, J., & Janssen, E. (2000). The dual control model of male sexual response: A theoretical approach to centrally mediated erectile dysfunction. *Neuroscience and Biobehavioral Reviews*, 24, 571-579.
- Barlow, D. H. (1986). Causes of sexual dysfunction: The role of anxiety and cognitive interference. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 54(2), 140-148.
- Basson, R. (2000). The female sexual response: A different model. *Journal of Sex and Marital Therapy*, 26(1), 51-65.
- Bjorklund, D. F., & Shackelford, T. K. (1999). Differences in parental investment contribute to important differences between men and women. *Current Directions in Psychological Sciences*, 8(3), 86-89.
- Carvalho, A. A., Brotto, L. L., & Leal, I. (2010). Women's motivation for sex: Exploring the Diagnostic and Statistical Manual, Fourth Edition, text revision criteria for hypoactive sexual desire and female sexual arousal disorders. *Journal of Sexual Medicine*, 7, 1454-1463.
- Dove, N. L. & Wiederman, M. W. (2000). Cognitive distraction and women's sexual functioning. *Journal of Sex and Marital Therapy*, 26, 67-78.
- Graham, C. A., Sanders, S. A., Milhausen, R., & McBride, K. (2004). Turning on and turning off: A focus group study of the factors that affect women's sexual arousal. *Archives of Sexual Behavior*, 33, 527-538.
- Klusmann, D. (2002). Sexual motivation and the duration of partnership. *Archives of Sexual Behavior*, 31(3), 275-287.

Milhausen, R., Graham, C. A., Sanders, S. A., Yarber, W. L., & Maitland, S. B. (2010).

Validation of The Sexual Excitation/ Sexual Inhibition Inventory for Women and Men. *Archives of Sexual Behavior*, 39, 1091-1104.

Ribeiro, B., Magalhães, A. T., & Mota, I. (2013). Disfunção sexual feminina em idade reprodutiva: prevalência e factores associados. *Revista Portuguesa de Medicina Geral e Familiar*, 29(1), 16-24.

Anexo A. Questionário Sociodemográfico

Idade: _____

Indique o seu sexo:

☐ Masculino

☐ Feminino

Habilitações Literárias:

☐ até ao 9º ano

☐ até ao 12º ano

☐ Licenciatura

☐ Mestrado

☐ Doutoramento

Nos últimos 5 anos, a sua orientação sexual foi com pessoas:

☐ exclusivamente do género oposto

☐ maioritariamente do género oposto

☐ igualmente do género oposto e do mesmo género

☐ maioritariamente do mesmo género

☐ exclusivamente do mesmo género

☐ não tive parceiros sexuais

Qual a sua situação relacional:

☐ Com relação de compromisso, sem coabitação

☐ Com relação de compromisso em coabitação (ou casado)

☐ Sem relação de compromisso e sem parceiros sexuais

☐ Sem relação de compromisso mas com parceiros ocasionais

Há quanto tempo dura a relação? (Número aproximado de anos, se tiver menos de 1 ano, indique “0”): _____

Tem filhos?

() Sim

() Não

Número de filhos: _____

Foi sexualmente activo(a) nos últimos 12 meses [qualquer tipo de actividade sexual com parceiro(a)]?

() Sim

() Não

Anexo B. Inventário de Excitação Sexual/Inibição Sexual para Mulheres e Homens

	Discordo Fortemente	Discordo	Concordo	Concordo Fortemente
1. Fico excitado(a) quando o(a) parceiro(a) faz algo simpático por mim.				
2. Às vezes tenho tantas preocupações que não consigo ficar excitado(a).				
3. Se sinto que estou a ser usado(a) sexualmente, perco totalmente a excitação.				
4. Quando penso em alguém que considero sexualmente atraente, fico facilmente excitado(a).				
5. Ver o(a) parceiro(a) a fazer algo que mostra o seu talento, pode excitar-me bastante sexualmente.				
6. Se houver a possibilidade de ser visto(a) ou ouvido(a) durante o sexo, é-me mais difícil ficar excitado(a).				
7. Se não tiver a certeza dos sentimentos do(a) meu (minha) parceiro(a) por mim, é-me mais difícil ficar excitado(a).				
8. Basta falar em sexo para ficar logo com vontade.				
9. Ser-me-ia difícil ficar sexualmente excitado(a) por alguém que estivesse envolvido(a) com outra pessoa.				
10. Ver o(a) parceiro(a) fazer as tarefas domésticas sem eu estar à espera, desperta o meu interesse sexual.				
11. Se sinto que esperam de mim uma resposta sexual, tenho dificuldades em ficar excitado(a).				
12. Às vezes sinto-me tão tímido(a) ou preocupado(a) com o que faço e sinto durante o sexo, que não consigo ficar totalmente excitado(a).				
13. Basta estar fisicamente próximo do(a) parceiro(a) para ficar excitado(a).				

14. Durante o sexo, preciso de me focar nas minhas sensações sexuais para me manter excitado(a).				
15. Excita-me mesmo fazer sexo num ambiente diferente do habitual.				
16. Preciso mesmo de confiar no(a) parceiro(a) para ficar totalmente excitado(a).				
17. A falta de equilíbrio entre dar e receber prazer durante o sexo, afecta a minha excitação.				
18. Se eu pensar se vou ter um orgasmo, é-me muito mais difícil ficar excitado(a).				
19. A não ser que as coisas estejam “perfeitas”, é-me difícil ficar sexualmente excitado(a).				
20. Se vejo o(a) parceiro(a) a interagir bem com outras pessoas, excito-me com mais facilidade.				
21. Penso muito em sexo quando estou aborrecido(a).				
22. Se me sinto muito atraído(a) sexualmente por alguém, não preciso de estar numa relação com essa pessoa para ficar sexualmente excitado(a).				
23. Fico mesmo excitado(a) quando penso que posso ser apanhado(a) durante o ato sexual.				
24. Se penso que um parceiro(a) me pode magoar emocionalmente, ponho travões a nível sexual.				
25. Às vezes sinto-me tão atraído(a) por alguém que não consigo evitar ficar sexualmente excitado(a).				
26. Ver alguém a mostrar a sua inteligência excita-me sexualmente.				
27. Se eu ficar preocupado(a) em demorar demasiado tempo a ficar excitado(a), isso pode perturbar a minha excitação.				
29. Tenho mais dificuldade em ficar sexualmente excitado(a) se estiverem outras pessoas por perto.				

30. Se o meu (minha) parceiro(a) não for sensível aos meus sinais durante o sexo, a minha excitação diminui consideravelmente.				
--	--	--	--	--

Anexo C: Questionário de Dificuldades Sexuais Femininas

Por vezes, atravessamos períodos de desinteresse sexual ou de outras dificuldades sexuais. Assinale alguma dificuldade sexual que tenha há pelo menos 6 meses.				
	Nunca	Ocasionalmente	Metade das vezes	A maior parte das vezes
Falta de desejo sexual				
Não conseguir ter orgasmo				
Dor durante o coito				
Outras dificuldades sexuais				

Anexo D. Tabelas de Frequências de Variáveis Sociodemográficas

Qual o seu distrito de residência?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Aveiro	35	3,6	3,7	3,7
	Beja	7	,7	,7	4,4
	Braga	41	4,3	4,3	8,8
	Bragança	5	,5	,5	9,3
	Castelo Branco	9	,9	,9	10,2
	Coimbra	78	8,1	8,2	18,5
	Évora	11	1,1	1,2	19,6
	Faro	21	2,2	2,2	21,8
	Guarda	6	,6	,6	22,5
	Leiria	33	3,4	3,5	25,9
	Lisboa	287	29,8	30,3	56,2
	Portalegre	9	,9	,9	57,2
	Porto	101	10,5	10,7	67,8
	Região Autónoma da Madeira	9	,9	,9	68,8
	Região Autónoma dos Açores	14	1,5	1,5	70,3
	Santarém	25	2,6	2,6	72,9
	Setúbal	89	9,3	9,4	82,3
	Viana	16	1,7	1,7	84,0
	Vila Real	11	1,1	1,2	85,1
	Viseu	27	2,8	2,8	88,0
	Não resido em Portugal	114	11,9	12,0	100,0
	Total	948	98,5	100,0	
Missing	System	14	1,5		
Total		962	100,0		

Habilitações literárias completas:

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Até ao 9º ano de escolaridade	24	2,5	2,5	2,5
	Até ao 12º ano de escolaridade	251	26,1	26,3	28,8
	Licenciatura	478	49,7	50,1	78,8
	Mestrado	175	18,2	18,3	97,2
	Doutoramento	27	2,8	2,8	100,0
	Total	955	99,3	100,0	
Missing	System	7	,7		
Total		962	100,0		

Nos últimos 5 anos, a sua atividade sexual foi com pessoas:

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Exclusivamente do sexo oposto	895	93,0	93,5	93,5
	Maioritariamente do sexo oposto	26	2,7	2,7	96,2
	Igualmente do sexo oposto e do mesmo sexo	4	,4	,4	96,7
	Maioritariamente do mesmo sexo	5	,5	,5	97,2
	Exclusivamente do mesmo sexo	25	2,6	2,6	99,8
	Não tive parceiros sexuais	2	,2	,2	100,0
	Total	957	99,5	100,0	
Missing	System	5	,5		
Total		962	100,0		

Qual a sua situação relacional?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Com relação de compromisso, sem coabitação	364	37,8	37,8	37,8
	Com relação de compromisso em coabitação (ou casado)	437	45,4	45,4	83,3
	Sem relação de compromisso e sem parceiros sexuais	53	5,5	5,5	88,8
	Sem relação de compromisso mas com parceiros ocasionais	108	11,2	11,2	100,0
	Total	962	100,0	100,0	

Tem filhos?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Sim	335	34,8	34,8	34,8
	Não	627	65,2	65,2	100,0
	Total	962	100,0	100,0	

Número de filhos

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	0	1	,1	,3	,3
	1	158	16,4	49,8	50,2
	2	128	13,3	40,4	90,5
	3	25	2,6	7,9	98,4
	4	4	,4	1,3	99,7
	5	1	,1	,3	100,0
	Total	317	33,0	100,0	
Missing	System	645	67,0		
	Total	962	100,0		

Foi sexualmente ativo(a) nos últimos 12 meses [qualquer tipo de atividade sexual com parceiro(a)]?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Sim	962	100,0	100,0	100,0

Anexo E. Estudo Estatístico de Variáveis Sociodemográficas

Statistics

Idade

N	Valid	708
	Missing	254
Mean		32,09
Median		30,00
Std. Deviation		9,963
Skewness		1,020
Std. Error of Skewness		,092
Kurtosis		,948
Std. Error of Kurtosis		,183
Minimum		18
Maximum		72
Percentiles	25	24,00
	50	30,00
	75	37,00

Statistics

Número aproximado de anos da sua relação

N	Valid	760
	Missing	202
Mean		7,31
Median		4,00
Std. Deviation		7,740
Skewness		1,564
Std. Error of Skewness		,089
Kurtosis		2,404
Std. Error of Kurtosis		,177
Minimum		0
Maximum		43
Percentiles	25	2,00
	50	4,00
	75	10,00

Statistics

Número de filhos

N	Valid	317
	Missing	645
Mean		1,61
Median		1,00
Std. Deviation		,719
Skewness		1,102
Std. Error of Skewness		,137
Kurtosis		1,647
Std. Error of Kurtosis		,273
Minimum		0
Maximum		5

Anexo F. Estudo de Consistência Interna das Dimensões do SESII-W/M

Características e Comportamento do Parceiro

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,669	5

Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
1. Fico excitado(a) quando o(a) parceiro(a) faz algo simpático por mim.	9,34	4,284	,407	,624
5. Ver o(a) parceiro(a) a fazer algo que mostra o seu talento, pode excitar-me bastante sexualmente.	9,27	4,011	,481	,591
10. Ver o(a) parceiro(a) fazer as tarefas domésticas sem eu estar à espera, desperta o meu interesse sexual.	9,83	4,057	,433	,612
20. Se vejo o(a) parceiro(a) a interagir bem com outras pessoas, excito-me com mais facilidade.	10,04	4,388	,340	,653
26. Ver alguém a mostrar a sua inteligência excita-me sexualmente.	9,55	3,837	,453	,603

Cognições Inibitórias

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,775	8

Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
2. Às vezes tenho tantas preocupações que não consigo ficar excitado(a).	16,76	11,758	,450	,756
11. Se sinto que esperam de mim uma resposta sexual, tenho dificuldades em ficar excitado(a).	17,14	11,829	,514	,744
12. Às vezes sinto-me tão tímido(a) ou preocupado(a) com o que faço e sinto durante o sexo, que não consigo ficar totalmente excitado(a).	17,33	11,283	,531	,741
14. Durante o sexo, preciso de me focar nas minhas sensações sexuais para me manter excitado(a).	16,94	12,566	,377	,766
18. Se eu pensar se vou ter um orgasmo, é-me muito mais difícil ficar excitado(a).	17,23	12,314	,388	,765
19. A não ser que as coisas estejam "perfeitas", é-me difícil ficar sexualmente excitado(a).	17,55	12,417	,454	,755
27. Se eu ficar preocupado(a) em demorar demasiado tempo a ficar excitado(a), isso pode perturbar a minha excitação.	16,78	11,382	,578	,733
28. Se estiver preocupado(a) em ser um(a) bom (boa) amante, é menos provável ficar excitado(a).	17,06	11,858	,523	,743

Importância da Relação

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,681	5

Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
3. Se sinto que estou a ser usado(a) sexualmente, perco totalmente a excitação.	10,81	5,834	,364	,663
9. Ser-me-ia difícil ficar sexualmente excitado(a) por alguém que estivesse envolvido(a) com outra pessoa.	11,16	5,322	,463	,618
16. Preciso mesmo de confiar no(a) parceiro(a) para ficar totalmente excitado(a).	10,74	5,466	,564	,577
22 A. Se me sinto muito atraído(a) sexualmente por alguém, não preciso de estar numa relação com essa pessoa para ficar sexualmente excitado(a).	11,45	5,861	,387	,651
24. Se penso que um parceiro(a) me pode magoar emocionalmente, ponho travões a nível sexual.	10,80	5,913	,414	,640

Excitabilidade

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,648	5

Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
4. Quando penso em alguém que considero sexualmente atraente, fico facilmente excitado (a).	9,16	4,501	,367	,611
8. Basta falar em sexo para ficar logo com vontade.	9,54	4,264	,469	,564
13. Basta estar fisicamente próximo do (a) parceiro(a) para ficar excitado(a).	9,22	4,538	,402	,596
21. Penso muito em sexo quando estou aborrecido (a).	9,72	4,219	,388	,603
25. Às vezes sinto-me tão atraído(a) por alguém que não consigo evitar ficar sexualmente excitado(a).	9,30	4,235	,387	,604

Setting (Invulgar/Exposto)

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,537	4

Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
6a. Se houver a possibilidade de ser visto (a) ou ouvido(a) durante o sexo, é-me mais difícil ficar excitado(a).	7,28	3,001	,232	,553
15. Excita-me mesmo fazer sexo num ambiente diferente do habitual.	6,72	3,159	,333	,460
23. Fico mesmo excitado (a) quando penso que posso ser apanhado(a) durante o ato sexual.	7,74	2,931	,362	,433
29.a Tenho mais dificuldade em ficar sexualmente excitado(a) se estiverem outras pessoas por perto.	7,44	2,784	,384	,410

Elementos Diádicos da Interação Sexual

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,434	3

Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
7. Se não tiver a certeza dos sentimentos do(a) meu (minha) parceiro(a) por mim, é-me mais difícil ficar excitado(a).	5,75	1,273	,222	,430
17. A falta de equilíbrio entre dar e receber prazer durante o sexo, afeta a minha excitação.	5,86	1,325	,286	,295
30. Se o meu (minha) parceiro(a) não for sensível aos meus sinais durante o sexo, a minha excitação diminui consideravelmente.	5,55	1,521	,294	,300

Anexo G. Comparação entre Varáveis Sociodemográficas e SESII-W/M

Test Statistics^a

	Cognições Inibitórias	A importância da relação	Elementos Diádicos da Interação Sexual
Mann-Whitney U	59138,000	56311,500	61625,500
Wilcoxon W	118478,000	115651,500	120965,500
Z	-1,280	-2,328	-,369
Asymp. Sig. (2-tailed)	,201	,020	,712

a. Grouping Variable: grupos de idade

Test Statistics^a

	Excitabilidade	Caraterísticas e comportamen to do/a Parceiro/a	Setting (Invulgar ou Exposto)
Mann-Whitney U	62421,000	65149,000	62824,000
Wilcoxon W	131799,000	134527,000	132202,000
Z	-3,251	-2,340	-3,123
Asymp. Sig. (2-tailed)	,001	,019	,002

a. Grouping Variable: tempo de duração duma relação

Test Statistics^a

	Excitabilidade	Caraterísticas e comportamen to do/a Parceiro/a	Setting (Invulgar ou Exposto)
Mann-Whitney U	12307,500	11590,000	12532,500
Wilcoxon W	24868,500	24151,000	25093,500
Z	-,314	-1,200	-,035
Asymp. Sig. (2-tailed)	,754	,230	,972

a. Grouping Variable: N° de filhos em dois grupos

Anexo H. Comparação entre Dificuldade Sexual e SESII-W/M

Falta de desejo sexual

Test Statistics^a

	Cognições Inibitórias	A importancia da relação	Elementos Diádicos da Interação Sexual
Mann-Whitney U	37024,000	70682,000	70023,000
Wilcoxon W	288010,000	321668,000	321009,000
Z	-12,741	-3,387	-3,625
Asymp. Sig. (2-tailed)	,000	,001	,000

a. Grouping Variable: Falta de desejo sexual com dois codigos

Test Statistics^a

	Excitabilidade	Carateristicas e comportamen to do/a Parceiro/a	Setting (Invulgar ou Exposto)
Mann-Whitney U	47128,500	64886,000	61461,000
Wilcoxon W	74623,500	92381,000	88956,000
Z	-9,977	-5,014	-5,988
Asymp. Sig. (2-tailed)	,000	,000	,000

a. Grouping Variable: Falta de desejo sexual com dois codigos

Não conseguir ter orgasmo

Test Statistics^a

	Cognições Inibitórias	A importancia da relação	Elementos Diádicos da Interação Sexual
Mann-Whitney U	47370,000	77132,500	68796,000
Wilcoxon W	289926,000	319688,500	311352,000
Z	-10,044	-1,778	-4,163
Asymp. Sig. (2-tailed)	,000	,075	,000

a. Grouping Variable: Não conseguir ter orgasmo com dois codigos

Test Statistics^a

	Excitabilidade	Carateristicas e comportamen to do/a Parceiro/a	Setting (Invulgar ou Exposto)
Mann-Whitney U	72302,500	79779,500	79239,000
Wilcoxon W	101222,500	108699,500	108159,000
Z	-3,131	-1,044	-1,198
Asymp. Sig. (2-tailed)	,002	,296	,231

a. Grouping Variable: Não conseguir ter orgasmo com dois codigos

Dor durante o coito

Test Statistics^a

	Cognições Inibitórias	A importância da relação	Elementos Diádicos da Interação Sexual
Mann-Whitney U	24205,500	35696,000	34120,000
Wilcoxon W	369901,500	381392,000	379816,000
Z	-7,101	-2,617	-3,284
Asymp. Sig. (2-tailed)	,000	,009	,001

a. Grouping Variable: Dor durante o coito com dois códigos

Test Statistics^a

	Excitabilidade	Características e comportamento do/a Parceiro/a	Setting (Invulgar ou Exposto)
Mann-Whitney U	36881,000	40482,000	38848,000
Wilcoxon W	42134,000	45735,000	44101,000
Z	-2,159	-,745	-1,391
Asymp. Sig. (2-tailed)	,031	,456	,164

a. Grouping Variable: Dor durante o coito com dois códigos

Outras dificuldades sexuais

Test Statistics^a

	Cognições Inibitórias	A importância da relação	Elementos Diádicos da Interação Sexual
Mann-Whitney U	15904,500	27076,500	24107,000
Wilcoxon W	371650,500	382822,500	379853,000
Z	-6,133	-,764	-2,229
Asymp. Sig. (2-tailed)	,000	,445	,026

a. Grouping Variable: Outras dificuldades sexuais

Test Statistics^a

	Excitabilidade	Características e comportamento do/a Parceiro/a	Setting (Invulgar ou Exposto)
Mann-Whitney U	24185,000	26089,000	26450,000
Wilcoxon W	26531,000	28435,000	28796,000
Z	-2,163	-1,243	-1,071
Asymp. Sig. (2-tailed)	,031	,214	,284

a. Grouping Variable: Outras dificuldades sexuais

Anexo I – Revisão de Literatura

Dual Control Model

Desde a década de 70, a saúde sexual e os mecanismos de excitação foram estudados essencialmente através da análise dos processos cognitivos inerentes, nomeadamente os processos de atenção e distração. Enquadrado neste modelo de pensamento, que excluía a variabilidade individual de resposta sexual, a existência de excitação sexual devia-se à presença de estímulos sexuais e à ausência de processos que pudessem interferir com a resposta sexual. Assim, o enfoque foi colocado no processo de excitação sexual, sendo a inibição sexual assumida como o resultado da sua ausência, não sendo considerada como um processo independente.

De forma a integrar a variabilidade individual de resposta sexual e o processo de inibição sexual enquanto independente do processo de excitação sexual, Bancroft e Janssen (2000) desenvolveram o *Dual Control Model*. Este modelo postula a existência de dois mecanismos independentes no sistema nervoso central, o sistema de inibição sexual (SI) e o sistema de excitação sexual (SE), sendo o equilíbrio entre os dois sistemas que determina a resposta sexual do indivíduo em determinado momento. O *Dual Control Model* assenta em três pressupostos básicos, sendo estes: (i) o reconhecimento de que a inibição neurobiológica da resposta sexual tem uma função adaptativa e que é comum a todas as espécies, diminuindo a probabilidade de uma resposta sexual e reconhecendo os efeitos indesejáveis da excitação sexual quando a actividade sexual resultaria em consequências negativas; (ii) a noção de que existe uma variabilidade na tendência para a excitação e a inibição sexual, que é maioritariamente adaptativa e não-problemática, apesar do reconhecimento de que níveis elevados de excitação e baixos de inibição resultam numa maior propensão para comportamentos sexuais de risco e que o inverso pode conduzir a respostas sexuais deficientes, tais como disfunções sexuais; (iii) a aceitação do efeito mediador das características psicológicas e neuropsicológicas e a influência dos factores genéticos e da educação na excitação sexual (Bancroft et al., 2009).

Sendo o *Dual Control Model* um modelo teórico, permite pensar as questões do comportamento humano e formular hipóteses a serem, ou não, confirmadas. Assim, foram construídas e revisadas diversas escalas, com o objectivo de avaliar a variabilidade individual de tendências sexuais excitatórias e inibitórias que o modelo pressupõe.

Escala de Excitação Sexual/ Inibição Sexual

A Escala de Excitação Sexual/Inibição Sexual (SIS/SES), criada por Janssen, Vorst, Finn e Bancroft (2002) foi a primeira escala desenvolvida para avaliar e testar o modelo teórico *Dual Control*, ou seja, a propensão individual para os processos de inibição e de excitação sexual. Assim, e a pensar numa população masculina, foi elaborado um questionário composto por 73 itens a ser respondido através de uma escala *tipo-Likert* de 4 pontos (i.e. 1= *concordo fortemente*; 2= *concordo*; 3= *discordo*; 4= *discordo fortemente*). Os itens pensados para a avaliação do processo excitatório faziam referência a diversos estímulos sensoriais, de entre os quais visuais e tácteis, assim como à função imaginária e a interacções sociais potencialmente excitantes. Os itens formulados para a avaliação do processo inibitório retratavam, por sua vez, situações em que a excitação sexual era perturbado por ameaças intrapessoais ou interpessoais.

Da aplicação do questionário inicial a 408 sujeitos do sexo masculino, e da sua subsequente análise, foram seleccionados 45 itens. De entre estes 45 itens, 20 eram relacionados com o processo de excitação (SES). Foi verificado então que, ao contrário do que era esperado, os itens referentes ao processo de inibição diferenciavam-se em dois factores. Assim, concluiu-se que 14 dos itens estavam associados ao factor de inibição que Janssen et al. (2002) nomearam de “Inibição Devido à Ameaça de Fracasso na Performance” (SIS1) e os restantes 11 itens relacionavam-se com o processo que os autores chamaram “Inibição Devido à Ameaça de Consequências da Performance” (SIS2).

Foi assim, através da criação e aplicação da Escala de Excitação Sexual/Inibição Sexual (SIS/SES) que se identificaram dois factores distintos para a função de inibição; *Inibição Devido à Ameaça de Fracasso na Performance* (SIS1) e *Inibição Devido à Ameaça de Consequências da Performance* (SIS2). Esta descoberta, não antecipada no modelo teórico original, gerou a necessidade de estender o *Dual Control Model* à recente descoberta. Compreendeu-se então que a SIS1 é demonstrativa de inibição devido à antecipação de uma resposta sexual fracassada por parte do próprio, sendo assim uma ameaça mais intrínseca. A SIS2, por sua vez, representa uma inibição mais extrínseca, resultante da percepção de potenciais consequências que possam advir da resposta sexual (Bancroft & Janssen, 2000).

Inventário de Excitação Sexual/Inibição Sexual para Mulheres (SESII-W)

Pelo facto da Escala de Excitação Sexual/ Inibição Sexual ter sido formulada com base numa amostra masculina, a escala foi posteriormente modificada para a população feminina por Carpenter, Janssen, Graham, Vorst e Wicherts (2006, cit. por Graham, Sanders & Milhausen, 2006). Esta adaptação, aplicada a uma amostra de mais de 1,000 alunas universitárias, revelou que as mulheres obtinham resultados inferiores no factor da excitação sexual e superiores em ambos os factores de inibição sexual, face aos homens. Assim, considerando a hipótese de que alguns factores essenciais para os processos de excitação e inibição sexual nas mulheres poderiam não estar representados na escala original, Graham et al. (2004) organizaram um grupo focal com um total de 80 sujeitos para melhor compreender os aspectos que potenciam e interferem com a excitação sexual feminina. Através desta investigação, foi possível agrupar os factores determinantes, dentro desta população, para os processos de excitação e inibição, classificando-os em oito categorias gerais, sendo estas: (i) *Self* (e.g., estado psicológico, estado emocional, estado físico); (ii) *Parceiro* (e.g., características físicas e psicológicas, abordagem); (iii) *Dinâmica/Interacção Relacional* (e.g., qualidade da relação, nível de proximidade); (iv) *Elementos da Interacção Sexual* (e.g., aceitação do parceiro, comunicação); (v) *Setting* (e.g., romântico, sexual); (vi) *Estímulo Sexual/Erótico* (e.g., estímulos externos, estímulos internos); (vii) *Hormonas, Fertilidade, Contracepção e Doenças Sexualmente Transmissíveis*; (viii) *Consumo de Drogas/Álcool* (Graham et al., 2004).

Com base nos dados obtidos através do grupo focal, nomeadamente a determinância das ameaças não apenas externas como também relacionais para a excitação sexual, Graham et al. (2006) desenvolveram a Inventário de Excitação Sexual/ Inibição Sexual para Mulheres (SESII-W). Esta escala que teve as oito categorias gerais, acima mencionadas, como base inicial para formulação das questões, foi composta inicialmente por 115 itens a serem respondidos numa escala *tipo-Likert* de 4 pontos (i.e. 1= *discordo fortemente*; 2= *discordo*; 3= *concordo*; 4= *concordo fortemente*). Após a sua aplicação a uma amostra de 655 mulheres, e subsequente análise, a escala foi reduzida a 36 itens referentes a oito factores. Destes resultantes oito factores, cinco encontravam-se relacionados com o processo de excitação sexual (i.e. Excitabilidade, Dinâmica de Poder da Relação Sexual, Cheiro, Características do Parceiro e *Setting* Invulgar/Exposto) e os restantes três com o processo de inibição sexual (i.e. Importância da Relação, Contingência de Excitação e Preocupação com o Funcionamento Sexual).

Inventário de Excitação Sexual/ Inibição Sexual para Homens e Mulheres (SESII-W/M)

Após a compreensão da influência dos factores relacionais e socioculturais na excitação sexual feminina, uma relação semelhante na população masculina foi questionada. Para uma melhor compreensão do fenómeno, numa aproximação do estudo realizado por Graham et al. em 2004 junto de um grupo de mulheres, foi organizado por Janssen, McBride, Yarber, Hill & Butler (2008) um grupo focal masculino composto por 50 sujeitos. Deste modo, verificou-se que alguns dos factores facilitadores do processo de excitação sexual nas mulheres eram igualmente relevantes para os homens, nomeadamente no que diz respeito às questões emocionais e relacionais. Assim, pelo facto da Sexual Inhibition and Sexual Excitation Scale (SIS/SES) não englobar alguns dos factores entendidos como determinantes para a sexualidade masculina, surgiu a necessidade de construir um instrumento que abrangesse mais aspectos e que fosse adequado a ambos os sexos.

Neste sentido, Milhausen et al. (2010) deram início à construção de uma escala diversificada que representasse os factores influentes para os processos de excitação e inibição tanto nos homens como nas mulheres. A versão inicial do Inventário de Excitação Sexual/Inibição Sexual para Homens e Mulheres (SESII-W/M), composto por 115 itens, foi aplicado a uma amostra de 481 sujeitos, dos quais 369 do sexo feminino e os restantes 112 do sexo masculino. Da análise conjunta dos dados obtidos por parte de ambos os sexos, resultou um inventário composto por 30 questões referentes a seis factores: (i) *Cognições Inibitórias*; (ii) *A Importância da Relação*; (iii) *Excitabilidade*; (iv) *Características e Comportamentos do Parceiro*; (v) *Setting (Invulgar/Exposto)*; (vi) *Elementos Diádicos da Interação Sexual*. O primeiro factor, *Cognições Inibitórias*, é composto por oito itens e reflecte a inibição sexual derivada de cognições e emoções, ou seja, aquela que é provocada pelo pensamento, pelo receio e pelo anseio. O segundo factor, *A Importância da Relação*, consiste em cinco itens referentes à segurança e qualidade da relação, e à sua influência sobre o processo de inibição. O factor *Excitabilidade*, de cinco itens, está relacionado com a facilidade em ficar sexualmente excitado através de diversos estímulos sexuais, tais como a proximidade física. O quarto factor, *Características Comportamentos do Parceiro*, é igualmente composto por cinco itens e demonstra a relação existente entre as qualidades e os comportamentos do parceiro e a excitação sexual. O quinto factor, *Setting (Invulgar/Exposto)*, consiste em quatro itens e reflecte o contexto em que a interação sexual ocorre e a sua influência no processo de excitação. Por último, o factor *Elementos Diádicos da Interação Sexual* é composto por três itens referentes à inibição resultante da atitude do parceiro no decorrer da actividade sexual

(Milhausen et al., 2010). Deste modo, foi possível criar um instrumento único sensível à variabilidade de influências exercidas sobre os processos de excitação e inibição sexual, tanto nos homens como nas mulheres.

Modelos de Resposta Sexual Feminina

O âmbito da sexualidade feminina, nomeadamente a resposta sexual, é vasto, pelo que, devido à variabilidade humana, não existe um modelo único que se adeque a todas as mulheres. Ainda assim, vários autores procuraram descrever a resposta sexual das mulheres. Numa tentativa de compreender a forma como a mulher se torna sexualmente activa em determinado momento, Masters e Johnson (1966, cit. por Wylie & Mimoun, 2009) construíram o modelo linear *EPOR*. Este modelo, que consiste em quatro fases, propõe que num primeiro momento existe a excitação (E) sexual que, acompanhada por alterações físicas e psicológicas, gera um aumento da tensão sexual. De seguida o sujeito transita para a fase de planalto (P), momento em que a tensão sexual e muscular aumenta, levando à terceira fase do modelo, o orgasmo (O). Esta fase corresponde ao momento em que o prazer sexual atinge o seu máximo, e precede o período final do modelo, a fase de resolução (R), onde a tensão sexual desvanece. O modelo de Masters e Johnson, ainda que adequado à maioria da população, não referia a importância do *desejo* para a resposta sexual. Neste sentido, considerando que este era um aspecto essencial para a sexualidade, Kaplan (1979, cit. por Basson, 2000) sugeriu um modelo trifásico de resposta sexual, composto pelas fases de desejo sexual, de excitação sexual e de orgasmo.

Após os modelos lineares de Masters e Johnson (1966, cit. por Wylie & Mimoun, 2009) e de Kaplan (1979, cit. por Basson, 2000), a compreensão do reforço positivo causado por experiências satisfatórias levou Whipple e Brash-McGreer (1997, cit. por Wylie & Mimoun, 2009) a desenvolverem um modelo circular composto pelas fases de sedução, sensação, rendição e reflexão. Este modelo dinâmico, ao contrário daqueles que o precederam, enfatizou a influência que as experiências sexuais anteriores teriam na sua repetição, podendo potenciá-la ou fragilizá-la. Através de uma perspectiva feminina e tendo em consideração que as motivações para a iniciação da actividade sexual nas mulheres são variadas e não necessariamente relacionadas com a libertação de tensão sexual, Basson (2000) sentiu a necessidade de criar um novo modelo. Neste seu modelo dinâmico, para além de postular que as mulheres iniciam a resposta sexual num estado de neutralidade, e que o desejo sexual está intimamente ligado à excitação, Basson (2000) defendeu que não apenas os

ganhos físicos, mas também os ganhos emocionais, tais como a intimidade e a proximidade, são determinantes para a repetição do ciclo.

Desejo e Sexualidade Feminina

Apesar de, no decorrer do século XX, a maioria dos estudos se terem debruçado essencialmente sobre a sexualidade masculina, com pouco interesse demonstrado nas questões da sexualidade feminina, recentemente tem havido uma crescente atenção no que diz respeito a esta temática (Bancroft, Lotus & Long, 2003). Ainda assim, mais do que nos processos de excitação e inibição sexual, os estudos realizados até ao momento centram-se sobretudo no desejo sexual nas mulheres, e nos factores que o influenciam. Neste sentido, e ainda que por vezes contraditórias, várias são as descobertas que têm sido realizadas nesta área.

No que diz respeito à idade, factor essencial na compreensão da sexualidade, a à sua influência na excitação, diversos estudos apontam em diversas direcções. Partindo do pressuposto que, tal como defendido por Basson (2000) e Levine (1987, cit. por DeLamater & Sill, 2005), a excitação sexual está profundamente relacionada com o desejo, pode-se afirmar que ainda não existe uma concordância absoluta no que diz respeito à relação entre a idade e estes dois aspectos. Masters, Johnson e Kolodny (1994, cit. por DeLamater & Sill, 2005) afirmam que o desejo sexual feminino não é afectado directamente pelo envelhecimento. Ainda assim, estudos mais recentes que se debruçaram acerca da relação entre o desejo e o aumento da idade não apontam nesta mesma direcção. Um estudo longitudinal realizado por Hällström e Samuelsson (1990, cit. por DeLamater & Sill, 2005) com uma amostra de 497 mulheres, procurou analisar a influência do envelhecimento no desejo sexual. Assim, através da realização de duas entrevistas separadas por um período de seis anos, os autores verificaram que 27% das mulheres manifestaram uma redução do desejo sexual no segundo momento de avaliação. Através deste estudo, foi demonstrada ainda a existência de uma diminuição significativa do desejo sexual entre os 46 e os 60 anos de idade. Estes resultados foram corroborados pelos obtidos através da análise de mulheres com idades compreendidas entre os 20 e os 70, realizada em 2007 (Hayes, Bennett, Dennerstein, Gurrin & Fairley, 2007, cit. por Levine, Risen & Althof, 2011). Aqui, conclui-se igualmente uma diminuição do desejo sexual ao longo do processo de envelhecimento. Numa procura de compreender a medida em que o desejo sexual diminui com o aumento da idade, DeLamater e Sill (2005) avaliaram uma amostra de 704 sujeitos do sexo feminino. Através do estudo foi possível, mais

uma vez, verificar que envelhecimento está relacionado com a diminuição do desejo, particularmente após os 75 anos de idade.

A relação entre o desejo sexual e a duração do relacionamento amoroso também tem sido objecto de análise por parte de diversos autores. De acordo com Fleury, Alves e Abdo, (2014) à medida que a duração da relação amorosa aumenta, ocorre geralmente uma diminuição progressiva do desejo sexual. Klusmann (2002), com base numa amostra de 967 mulheres, verificou que o desejo sexual feminino diminuía na medida em que a duração da relação aumentava. Neste mesmo sentido, um estudo realizado por Carvalheira et al. (2010), numa amostra portuguesa de 3,687 inquiridas, confirmou que mulheres a viver uma relação há menos de um ano afirmavam ter níveis de desejo sexual significativamente superiores aquele manifestado por mulheres em relações estabelecidas há mais de dez anos. Uma possível explicação para a redução do desejo com o aumento do tempo de relação é encontrada no modelo de Zeifman e Hazan (1997, cit. por Klusmann, 2002), que afirma a existência de semelhanças entre os vínculos adultos e a vinculação entre pais e filhos. Este modelo postula que num primeiro momento, a relação amorosa vive um período de paixão intensa, com grande procura de intimidade e proximidade física. Este período é seguido por uma fase em que o vínculo assenta menos na corporalidade e mais na estabilidade, resultando assim numa diminuição do desejo sexual.

Excitação/Inibição Sexual Feminina

Os processos de excitação e inibição sexual são sistemas adaptativos, presentes na maioria das funções neurológicas. No domínio da sexualidade, o estudo destes mecanismos tem focado maioritariamente a excitação sexual, por ser uma função mais manipulável do que a inibição sexual.

Em relação ao processo de excitação sexual, através do grupo focal organizado por Graham et al. (2004), retiraram-se algumas conclusões. Para começar, foi possível verificar a variabilidade humana, pressuposto base sobre o qual assenta o *Dual Control Model*, dentro do mesmo género, na medida em que certos aspectos eram considerados como fontes de excitação por algumas mulheres e fontes de inibição por outras. Outra das conclusões interessantes retiradas deste estudo foi o facto de mulheres associarem a excitação sexual a uma variedade de alterações. Assim, entende-se que a lubrificação vaginal, inicialmente considerado indicador principal de excitação, não é uma condicionante da excitação sexual,

podendo esta manifestar-se igualmente através de alterações físicas não-genitais, alterações psicológicas e alterações comportamentais.

No que diz respeito à inibição sexual, Bjorklund e Shackelford (1999) afirmam ser um processo mais desenvolvido no sexo feminino do que no sexo masculino. No sentido de preservar o sucesso reprodutivo, é necessário que a fêmea tenha uma maior capacidade de auto-regulação, evitando assim respostas sexuais que acarretem mais malefícios que benefícios (e.g., gravidez indesejada). Neste sentido, compreende-se que a inibição sexual apresenta três funções adaptativas e é activada nas seguintes situações: (i) quando a actividade sexual num determinado momento é potencialmente perigosa quer a nível físico quer a nível psicológico; (ii) quando é necessário suprimir uma resposta distractiva, como a sexual, para responder adequadamente a uma ocorrência não-sexual; (iii) quando o empenho na procura de prazer sexual surge como um impedimento de outras funções adaptativas (Bancroft et al., 2009).

Ainda que adaptativos, os processos de excitação e inibição sexual servem também de indicadores de um funcionamento sexual desviante. Bancroft (1999) afirma que níveis anormalmente elevados de inibição podem conduzir a dificuldades no âmbito da sexualidade, enquanto que níveis demasiado elevados de excitação sexual podem, no polo oposto, aumentar a probabilidade de adopção de comportamentos de risco.

Disfunções Sexuais Femininas

O termo *disfunção sexual* é utilizado para fazer referência a um agrupamento de dificuldades, experienciadas ao nível intrapessoal, interpessoal e cultural, que perturbam a capacidade do sujeito de ter uma resposta sexual adequada ou de obter prazer através da sexualidade. Com o lançamento do Diagnostic And Statistical Manual of Mental Disorders-Fifth Edition (American Psychiatric Association, 2013) surgiu uma nova classificação destas perturbações dentro da população feminina, existindo actualmente três principais categoriais de dificuldades que afectam as mulheres neste âmbito, sendo estas: (i) disfunção de desejo sexual; (ii) disfunção orgástica feminina; (iii) disfunção de dor génito-pélvica/penetração.

A primeira disfunção sexual é caracterizada por uma ausência ou deficiência nos seguintes critérios: (i) actividade sexual; (ii) pensamentos de carácter erótico/ fantasias; (iii) iniciativa para a actividade sexual; (iv) excitação ou prazer durante a actividade sexual; (v) interesse sexual/desejo; (vi) sensações genitais/não-genitais durante a actividade sexual. Para

que se possa fazer o diagnóstico de *disfunção de desejo sexual*, é necessário que três dos seis critérios estejam ausentes ou significativamente reduzidos há um período igual ou superior a seis meses.

A *disfunção orgástica feminina* é composta por dois critérios principais, sendo estes: (i) retardo, infrequência ou ausência de orgasmo durante a actividade sexual; (ii) intensidade reduzida de sensações orgásticas. Para que a disfunção seja correctamente diagnosticada, é necessário que os sintomas estejam presentes em pelo menos 75% das relações sexuais vividas ao longo de um período igual ou superior a seis meses.

Por fim, o diagnóstico da *disfunção de dor génito-pélvica/penetração* passa pelos seguintes critérios: (i) dificuldade na penetração vaginal; (ii) dor vulvovaginal durante ou como resultado de tentativas de penetração vaginal; (iii) ansiedade/receio de dor vulvovaginal na antecipação, durante ou como resultado de penetração vaginal; (iv) contracção dos músculos pélvicos perante tentativas de penetração vaginal. No caso desta disfunção, devido à aflição causada por qualquer dos critérios acima mencionados, para o seu correcto diagnóstico é necessária a presença de apenas um dos sintomas, por um período igual ou superior a seis meses.

Com o objectivo de determinar a prevalência de disfunção sexual na população portuguesa, Ribeiro et al. (2013) estudaram uma amostra de 214 mulheres portuguesas com idades entre os 18 e os 57 anos. Verificaram, deste modo, a existência de disfunção sexual em 77,2% da amostra, sendo a incapacidade de atingir o orgasmo a perturbação mais frequente (55,8%), seguida pelas perturbações de dor (40,9%) e do desejo (25,7%).

Disfunções Sexuais e Sistema de Excitação/ Sistema de Inibição

Confirmada a presença significativa de disfunções sexuais na actualidade, destaca-se como um assunto que requer uma maior análise e compreensão. Neste sentido, o *Dual Control Model* e as escalas construídas para o explorar surgem como uma ferramenta útil no aprofundamento da questão. De acordo com Bancroft e Janssen (2000) na sequência de níveis desequilibrados de activação dos processos de excitação e inibição sexual, surgem com maior frequência problemas do funcionamento sexual. Assim, sujeitos com tendência para a inibição da resposta sexual encontram-se mais vulneráveis ao desenvolvimento de disfunções sexuais.

Numa tentativa de analisar a relação entre os sistemas de excitação e inibição sexual e a ocorrência de dificuldades sexuais, Sanders, Graham e Milhausen (2008) recorreram a uma

amostra não-clínica de 540 mulheres com idades compreendidas entre os 18 e os 81 anos. Com recurso ao *Inventário de Excitação Sexual/Inibição Sexual para Mulheres*, examinaram a correlação entre os oito factores da escala e três dificuldades sexuais específicas relacionadas com o orgasmo, com a excitação sexual e com o desejo sexual.

A dificuldade em atingir o orgasmo foi a que correlacionou com mais factores da SESII-W, três pertencentes ao processo de inibição (i.e. Contingência de Excitação; Preocupação com o Funcionamento Sexual; Importância da Relação) e um pertencente ao processo de excitação (i.e. Dinâmica de Poder da Relação Sexual). No que diz respeito à dificuldade em obter e/ou manter excitação sexual, verificou-se que esta estava relacionada com dois factores de inibição (i.e. Contingência de Excitação; Preocupação com o Funcionamento Sexual). Por fim, no âmbito da dificuldade por baixo interesse sexual, foi verificada a correlação com apenas um factor de inibição (i.e. Contingência de Excitação) (Sanders et al., 2008). Assim, foi confirmado que o aspecto mais determinante e que exerce maior influência nas dificuldades sexuais é o aspecto cognitivo, que engloba os pensamentos, os receios e os anseio dominantes no sujeito.

Deste modo, e ainda que os instrumentos do *Dual Control Model* não tenham sido, até ao momento, largamente aplicados no domínio das dificuldades sexuais femininas, considera-se que possam ser úteis para o seu estudo. Pelo facto de ter em consideração a variabilidade humana e permitir focalizar os aspectos mais deficientes no âmbito da sexualidade de cada indivíduo, pode ser de grande valor não só na compreensão das dificuldades psicológicas inerentes como também na formulação da terapêutica mais adequada para cada mulher.

Referências Bibliográficas

- American Psychiatric Association. (2013). *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (5thed.). Washington DC.
- Bancroft, J. (1999). Central inhibition of sexual response in the male: A theoretical perspective. *Neuroscience and Biobehavioral Reviews*, 23, 763-784.
- Bancroft, J., Graham, C. A., Janssen, E., & Sanders, S. A., (2009). The dual control model: Current status and future directions. *Journal of Sex Research*, 46, 121-142.
- Bancroft, J., & Janssen, E. (2000). The dual control model of male sexual response: A theoretical approach to centrally mediated erectile dysfunction. *Neuroscience and Biobehavioral Reviews*, 24, 571-579.
- Bancroft, J., Lotus, J., & Long, J. S. (2003). Distress about sex: a national survey of women in heterosexual relationships. *Archives of Sexual Behavior*, 32(3), 193-208.
- Basson, R. (2000). The female sexual response: A different model. *Journal of Sex and Marital Therapy*, 26(1), 51-65.
- Bjorklund, D. F. & Shackelford, T. K. (1999). Differences in parental investment contribute to important individual differences between men and women. *Current Directions in Psychological Sciences*, 8, 86-89.
- Carvalho, A. A., Brotto, L. L., & Leal, I. (2010). Women's motivation for sex: Exploring the Diagnostic and Statistical Manual, Fourth Edition, text revision criteria for hypoactive sexual desire and female sexual arousal disorders. *Journal of Sexual Medicine*, 7, 1454-1463.
- DeLamater, J. D., & Sill, M. (2005). Sexual desire in later life. *The Journal of Sex Research*, 42, 138-149.
- Fleury, H., Alves, M. B. L., Abdo, C. H. (2014). Desejo sexual em mulheres jovens em relacionamentos estáveis. *Revista Diagnóstico e Tratamento*, 19(3), 144-147.
- Graham, C. A., Sanders, S. A., & Milhausen, R. (2006). Development and validation of the Sexual Excitation/Sexual Inhibition Inventory for Women. *Archives of Sexual Behavior*, 35(4), 397-409.

- Graham, C. A., Sanders, S. A., Milhausen, R., & McBride, K. (2004). Turning on and turning off: A focus group study of the factors that affect women's sexual arousal. *Archives of Sexual Behavior*, 33, 527-538.
- Hosseini-Kamkar, N., & Morton, J. B. (2014). Sex differences in self-regulation: an evolutionary perspective. *Frontiers in neuroscience*, 8.
- Janssen, E., McBride, K. R., Yarber, W., Hill, B. J., & Butler, S. M. (2008). Factors that Influence Sexual Arousal in Men: A Focus Group Study. *Archives of Sexual Behavior*, 37(2), 252-265.
- Janssen, E., Vorst, H., Finn, P., & Bancroft, J. (2002a). The Sexual Inhibition (SIS) and Sexual Excitation (SES) Scales: I. Measuring sexual inhibition and excitation proneness in men. *The Journal of Sex Research*, 39, 114-126.
- Janssen, E., Vorst, H., Finn, P., & Bancroft, J. (2002b). The Sexual Inhibition (SIS) and Sexual Excitation (SES) Scales: II. Predicting psychophysiological response patterns. *The Journal of Sex Research*, 39, 127-132.
- Klusmann, D. (2002). Sexual motivation and the duration of partnership. *Archives of Sexual Behavior*, 31(3), 275-287.
- Levine, S., Risen, C. B., & Althof, S. E. (2011). *Handbook of clinical sexuality for mental health professionals*. New York: Routledge.
- Milhausen, R. R., Graham, C. A., Sanders, S. A., Yarber, W. L., & Maitland, S. D. (2010). Validation of the Sexual Excitation/Sexual Inhibition Inventory for Women and Men (SESII-W/M). *Archives of Sexual Behavior*, 39(5), 1091-1104.
- Ribeiro, B., Magalhães, A. T., & Mota, I. (2013). Disfunção sexual feminina em idade reprodutiva: prevalência e factores associados. *Revista Portuguesa de Medicina Geral e Familiar*, 29(1), 16-24.
- Sanders, S. A., Graham, C. A., & Milhausen, R. R. (2008). Predicting sexual problems in women: The relevance of sexual excitation and sexual inhibition. *Archives of Sexual Behavior*, 37(2), 241-251.
- Wylie, K., & Mimoun, S. (2009). Sexual response models in women. *Maturitas*, 63(2), 112-115.